ETNOGEOGRAFIAS - CONCLUSÃO*

PAUL CLAVAL

UMA CURIOSIDADE ANTIGA MAS POUCO ESTRUTURADA

NO FINAL DO ÚLTIMO SÉCULO, EM 1895, O BOTÂNICO AMERICANO HARSHBERGER COMEÇOU A EXPLORAR OS CONHECIMENTOS BOTÂNICOS DAS TRIBOS INDÍGENAS E CRIOU A ETNOBOTÂNICA. UM POUCO MAIS TARDE, EM 1914, HENDERSON E HARRINGTON INVENTAM DA MESMA MANEIRA A ETNOZOOLOGIA. PASSA-SE A FALAR, A PARTIR DE 1944, COM CASTETTER, DE ETNOBIOLOGIA (PARA DESIGNAR, DE MANEIRA MAIS SINTÉTICA, AS DUAS DISCIPLINAS PRECEDENTES).

Estas pesquisas não podiam deixar os geógrafos indiferentes. Entre as fontes geralmente negligenciadas da Escola de Berkeley, a etnobotânica é de importância capital: os imensos inventários de plantas conhecidas, a análise minuciosa de seus variados empregos nas civilizações indígenas, tudo isto é parte central das preocupações de Carl O. Sauer e de seus alunos. Os resultados que eles obtêm são muitas vezes espetaculares, como a redescoberta do papel do amaranto na alimentação ameríndia antes do contato com os europeus, revolucionando as idéias que tínhamos sobre o equilíbrio de seus regimes: mesmo sem criação de animais, eles dispunham das proteínas de que tinham necessidade.

Os geógrafos estudam há muito tempo a orientação praticada por diferentes povos e as expressões verbais ou gráficas feitas por eles. Conhece-se os desempenhos cartográficos dos Inuits, ou a capacidade dos Polinésios de navegarem na imensidão do Pacífico sul sem se perder. A erudição nos ensina sobre o que os árabes, os hindus, os chineses e os japoneses fundamentavam a representação da terra.

O campo da curiosidade etnogeográfica foi crescendo pouco a pouco. Lendo-se os trabalhos etnológicos, os geógrafos descobriram a importância das idéias que os povos primitivos tinham de seu meio ambiente, de suas estruturas sociais ou de suas relações com outros mundos. Os geógrafos não podem ignorar a análise da topografia da aldeia Bororó que Claude Lévi-Strauss produziu e interpretou. Da mesma maneira, eles sentem que a metafísica dogon condiciona a forma geral de suas aldeias, e a maneira pela qual é percebida.

Após trinta anos, os trabalhos se multiplicaram e se aprofundaram. O sinal de partida foi dado quando Xavier de Planhol (1957; 1968) mostrou o peso das ideologias religiosas que valorizaram um ou outro gênero de vida, no mundo muçulmano. Às vezes o geógrafo de formação científica pode ficar desorientado diante de algumas organizações regionais do espaço. Foi o que aconteceu com Jean

Gallais no delta interior do Niger em 1967. Contudo, ao se familiarizar com a língua peulh, ele compreendeu a hierarquia dos lugares e dos homens e a maneira como eles organizam seus movimentos e estruturam seus meios.

Quando, em 1987, Joël Bonnemaison se interessou pelas pessoas de Tanna, ele nos mostrou sua concepção de mundo de maneira mais próxima: o universo das pessoas de Tanna foi primeiramente percorrido e estruturado por heróis fundadores, mais tarde transformados em pedras, as Kapiel, no *tempo do sonho*. A história deles está materializada pelas estradas que fazem o contorno da ilha. A mitologia da árvore e da piroga (barco estreito à vela utilizado pelos índios da Oceânia) permite compreender as relações que os índígenas tecem com o meio e entre eles.

Jean Delvert sempre ressaltou o papel do budismo no Sudeste da Ásia como veículo que influencia as mentalidades e as estruturas sociais. Na Coréia, como em outros lugares, o confucionismo é responsável por parte da organização do espaço.

O ponto de vista etnogeográfico é fecundo quando se aplica às sociedades cuja história é tão rica e complexa quanto a do Japão. Augustin Berque o mostrou ao analisar alternadamente a maneira como os japoneses concebem seu espaço social (*Vivre l'Espace au Japon, 1982*) de cujas natureza e forças a sociedade japonesa é portadora (*Le Sauvage et l'Artifice, 1986*) ou as bases da sociabilidade japonesa (*Du Geste à la Cité, 1993*).

Poderíamos citar dezenas de artigos ou de obras que nos apresentam as geografias concebidas e praticadas por diversos grupos. Desses estudos muitos se encontram nos países de língua inglesa e na Alemanha. Nos parece que são especialemente abundantes na França. Não fizemos aqui uma recensão de todos eles, apenas assinalamos algumas obras importantes.

Entretanto, quase não se fala de etnogeografia. O termo só apareceu recentemente. O general Hurault utiliza o termo etnogeografia num artigo sobre os índios da Guiana publicado no Le Monde em 1972. Georges Condaminas o emprega também na síntese que ele consagra ao espaço social (1980). Christian Taillard também faz referência num artigo de 1981 e foi nesse momento que o termo passou a ser conhecido.

A noção é pouco empregada, embora seja útil para designar um campo onde as curiosidades são numerosas, os trabalhos de valor e as orientações muito originais: os homens que transformam o mundo nunca agem em função do que existe de fato, mas em razão da imagem que eles têm do mundo (Boulding, 1956).

Por que se interessar pelas etnogeografias?

Duas séries de razões nos provocam maior interesse pelo tema das etnogeografias: 1- O mundo que nós estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado por seus saberes, seus desejos e suas aspirações. 2- A geografia que praticamos e que acreditamos científica, ou seja, independente de qualquer valor particular e de toda referência étnica , não é tão universal quanto nós imaginamos.

1. Uma medida indispensável para compreender o espaço dos homens

O mundo que os homens constroem, transformam e organizam depende da imagem que eles têm

do meio, das técnicas que permitem ter domínio sobre ele e os modelos ideais que eles gostariam de impor. O mundo que os homens desenham coloca em jogo deuses, espíritos e forças cósmicas: sua topografia mistura espaços profanos e espaços sagrados. Daniel Dory mostrou recentemente que não se podia compreender o habitat dos Lobis do Burkina Faso e da Costa do Marfim se se ignorasse a circulação, no espaço que habitam, dos espíritos malfeitores que deveriam ser evitados. Isso explica o porquê dos zig zag dos caminhos num país de topografia moderada.

O peso que as técnicas têm na organização do espaço é muito explorado. Já o papel das utopias que guiam a ação ainda é inexpressivo. Entretanto as utopias definem as estruturas que os homens sonham e traduzem suas preferências por um ou outro tipo de relação social em um ou outro ambiente.

Para ir fundo nas organizações do espaço com os quais nos confrontamos é indispensável considerar três grandes questões: como o meio é percebido por aqueles que o habitam? Graças a que se tem domínio sobre ele? Como concebem a ordem social, as regras e normas às quais devem se conformar?

2. Por uma concepção mais crítica da geografia ocidental e por novos horizontes de pesquisa em geografia histórica

Será necessário sair da lógica impessoal e objetiva do método científico habitual e explorar o universo mental dos homens. Estamos certos em não misturar à nossa conduta de indivíduos evoluídos um número de normas implícitas? Por privilegiar muito o objetivo, o material, o mensurável, não teríamos nos privado de ferramentas essenciais de investigação ?

A vontade de só apoiar ações baseadas nos conhecimentos objetivos traduz uma ideologia. A escolha entre os ocidentais de expurgar as relações com o meio de toda dimensão simbólica ou afetiva não seria uma convenção sobre o mundo, uma maneira entre outras de concebê-lo? A análise puramente funcional que propomos das instituições não sofre do mesmo ponto de vista redutor?

O cuidado que manifestamos para conservar a natureza não estaria contaminado por algumas concepções metafísicas ou religiosas? Não teria tido há muito tempo uma conivência entre ecologismo e sensibilidade protestante? A utilização que fazemos das noções objetivas e neutras que produziu o método científico não traduz uma vontade de desencantar o mundo que nada tem de objetivo?

A tradição ocidental não nasceu do nada. Para compreender a história complicada das representações do mundo, do meio e da sociedade que ela suscitou, é importante se perguntar sobre as etnogeografias do passado. Foi o que compreendeu John K.Wright há 75 anos quando consagrou sua tese ao Geographical Lore of the Time of the Crusades (1925). É esta corrente da pesquisa que é importante retomar. Ela poderá nos permitir compreender as normas que presidiram as organizações passadas em nosso espaço. Estudar a geografia de um país num determinado momento implica que se compreenda os princípios que tinham aqueles que o construíram.

Um quadro para o estudo das etnogeografias

Os estudos de etnogeografia são numerosos, mas falta coerência. O problema essencial, se se quer ampliar sua fecundidade, é favorecer as aproximações e os pontos de comparação entre os pesquisa-

dores absorvidos nas suas culturas diferentes. Um quadro comum deveria facilitar os contatos.

Nos parece que este quadro poderia se articular em duas áreas. A primeira representaria o domínio a se estudar e a segunda seria a interpretação dos dados recolhidos.

1. Os campos para explorar

a) As representações do mundo: Quais são as noções sobre as quais se baseiam a representação do espaço na sociedade estudada ? Os pontos cardiais? Onde passa o eixo do mundo? A partir de que elementos se opera a orientação? Dispõem-se de meios de representação cartográfica? De que tipo? As pessoas praticam habitualmente o desenho? Como chamam os lugares e como os guardam na memória?

b) As relações com o meio: Como as formas do relevo, o ciclo da água, o clima, os movimentos aparentes do sol e os ritmos das estações são descritos e explicados? Como os homens concebem suas relações com seu meio? Como o grupo reage aos acontecimentos excepcionais, inundações, tempestades, tufões, tremores de terra, erupções vulcânicas etc.? Que entidades, que divindades o homem vê na obra da natureza? Trata-se de potências localizadas em alguns pontos, ou de forças difusas? Quais são os recursos que os homens sabem descobrir no seu meio? Como esses recursos são reconhecidos? Através de que sinais descobrem esses recursos na vegetação, no solo, no sub-solo ou nas águas? Em que condições podem se apropriar? Qual é a parte dos rituais e a das receitas técnicas valorizadas da natureza? Qual é a estrutura ontológica da natureza selvagem , da natureza humanizada e da natureza artificializada que é a cidade?

c) O homem e a vida social: Como o indivíduo é concebido? Trata-se de uma pessoa, ou seja, de uma entidade autônoma e responsável por seus atos? O homem é movido por forças externas? A expressão de um grupo é tão permanente que, sem ela, o homem não existiria? Onde termina o círculo daqueles que são considerados como próximos? Ou daqueles com os quais é legítimo entrar em relação? E o dos estrangeiros que terão de ser evitados? Qual a fronteira dos inimigos? Sobre o que se baseiam as identidades coletivas? Elas se ligam diretamente ou indiretamente ao território? Ou estariam ligados à descendência? Ou à prática de alguns ritos religiosos? Ou a alguns códigos sociais? Qual é o lugar para o público e o privado? Existem cultos e formas de sacralização ligadas a cada um destes tipos de espaço? Quais são os status sociais reconhecidos, os espaços que lhe são associados, aqueles que são neutros, sem valor, e aqueles que são especializados e constituem os domínios reservados a um ou outro aspecto da vida social? Quais são os elementos valorizados do habitat, dos espaços públicos, dos espaços do trabalho? A sociedade é concebida segundo um modelo hierárquico; essa hierarquia possui uma tradução espacial? A sociedade se exprime por segregações ou pela articulação do espaço em elementos de status desiguais? Ou ainda pelo estilo e a importância da residência?

2. Princípios de interpretação

Uma vez pronto o quadro de análise, convém interpretar os resultados. A dificuldade está em coordenar as observações que pertencem aparentemente a ordens diferentes.

O método etnogeográfico reconstitui primeiramente a percepção que os homens têm do mundo,

aprofunda aquilo que pode explorar e pára nos valores que norteiam sua ação. O espaço que modelam reflete em parte estes dados simples. Mas é preciso preservar-se da ingenuidade. As convicções, os valores e as aspirações habitualmente não se traduzem diretamente no espaço: isto é verdade para os países desenvolvidos como também para as sociedades tradicionais. A vida social coloca em funcionamento mecanismos, como por exemplo os de mercado, que fazem desaparecer muitos sonhos. Mas mesmo o mercado implica regras que se diferenciam de uma cultura para outra. Portanto, muitas vezes, os modelos imaginados pelos homens acabam por se traduzirem na realidade de maneira deturpada. O espaço é muito mais modificado pelos princípios que as pessoas respeitam nos seus comportamentos, pelo fundamento que dão à sua sociabilidade, do que pelas crenças e utopias que dizem ter. Grande número de representações são imaginadas para justificar o real, confortar o funcionamento da sociedade, reproduzir suas desigualdades e salvaguardar os privilégios daqueles que a dominam.

Como explorar estes problemas? Quais são os fatores que ligam os elementos da cultura? Quais são os princípios que estruturam o espaço e sobrepõem ao caos original uma ordem inteligível? Para colocá-los em evidência, não há outra possibilidade senão a de refletir sobre os motivos mais profundos e sobre as crenças mais sólidas: os geógrafos encontram nesta busca todos aqueles que se interessam pela história e pela natureza das culturas.

a) Convém se interrogar sobre as forças que as pessoas vêm na obra do Cosmos, da natureza, e da sociedade. Elas admitem um princípio comum? É esse princípio divino? Ou metafísico? Ou físico? Ou se trata de uma força vital ? Esse princípio é accessível à razão experimental?

b) Qual é a topologia das forças na obra no Cosmos, no mundo e na sociedade? Essas forças são imanentes ou transcedentes? O homem tem domínio sobre elas? Seria o homem joguete e instrumento dessas forças?

c) Como a diferenciação das forças transcedentes ou imanentes se traduz no espaço? Nós a lemos na oposição entre áreas profanas e lugares onde aflora o sagrado?

Nos parece impossível evitar um aprofundamento na ontologia espacial para podermos compreender as concepções imaginadas pelos grupos humanos sobre o universo distante e sobre o meio mais próximo. Isto não se constitui numa especulação gratuita dos filósofos. Somente ela permite compreender os móveis de determinada sociedade.

Um exemplo? Sobre o que repousa a sociedade americana? Aparentemente sobre suas grandes empresas, sobre o conjunto das burocracias públicas ou privadas que lhe permitiram dominar um grande espaço e, em seguida, estender seu campo de influência sobre toda a terra. Mas então como explicar a anarquia reinante nesta grande sociedade e o clima de desordem que foi o do *Far West* e que se renova constantemente? Como dar conta de sua extraordinária plasticidade e da sua capacidade em romper com os quadros existentes? Como explicar sua atitude em dividir sempre sobre novas bases sem traumatismos aparentes?

O que coloca sobre a via de interpretação é a curiosa miopia da sociedade americana, sua pulverisação em grupos locais que se ignoram. Também é o sistema de ensino, mais preocupado em ensinar aos jóvens americanos a manejar bem as regras da

democracia do que lhes explicar a história de seu país ou sua geografia. A sociedade americana é fundamentalmente uma sociedade de comunidades, de pequenos grupos, e isto desde o desembarque dos Puritanos do Mayflower. Alguns dirão que comunidades existem em todo lugar. Sim, mas a comunidade americana é herdeira da Igreja dos Santos, cada uma das pequenas denominações era somente para ela, a Igreja, pois Cristo disse: "Estarei entre vós desde que estejam reunidos para rezar em meu nome." Cada uma das comunidades americanas é a América, única. É isso que permite ao país se reinventar constantemente e se refazer sem causar danos em suas bases. É como se explica a enorme descentralização de um espaço voltado para grandes organizações.

A noção de etnogeografia é muitas vezes associada às pequenas células de grupos sem história, ou às massas camponesas das civilizações históricas tradicionais. Isso não significa nada: todas as sociedades merecem ser estudadas na ótica etnogeográfica, porque todas refletem ao menos em parte as representações que seus membros compartilham.

NOTAS

* Trata-se da conclusão da coletânea Ethnogéographies, organizada por Paul Claval e Singaravelou. Paris: L'Harmattan. 1995, p. 363-370. Tradução de Maria Lúcia Maia Nóbrega.